



Mísseis iranianos do tipo Zolfaghar em exposição na Praça Azadi, em Teerão.

Ataques em pausa no Irão após alertas a Trump para escassez de munições

GUERRA Após reunião com Vance e chefe do Estado-Maior Conjunto, presidente dos EUA suspendeu ataques para dar hipótese à diplomacia.

TEXTO **HELENA TECEDEIRO**

Após 13 dias de bombardeamentos americanos consecutivos, o fim de semana foi de pausa nas operações militares contra o Irão. Uma acalmia que, segundo a CNN revelou ontem, pode estar relacionada com os alertas deixados por altas figuras da Administração ao presidente Donald Trump na sexta-feira. Numa reunião de alto nível, o vice-presidente JD Vance e o chefe do Estado-Maior Conjunto dos EUA, o general Dan Caine, manifestaram ambos a sua preocupação quanto a uma escalada da guerra no Irão. Um cenário que o presidente estaria a ponderar, perante o impasse negocial.

Caine, no cargo desde fevereiro de 2025, alertou especificamente sobre o impacto da escalada do conflito no *stock* de munições dos EUA. O general terá sublinhado a preocupação de que a intensificação da guerra pudesse esgotar perigosamente as já reduzidas reservas do Pentágono de interceptores antimísseis *Patriot* e outras munições de defesa aérea no Médio Oriente.

Com esta pausa nos ataques

americanos – e nos contra-ataques iranianos contra alvos dos EUA nos países vizinhos – o diálogo parece voltar a ser uma opção. Segundo a agência turca Anadolu, os mediadores do Paquistão e do Qatar intensificaram a troca de mensagens entre os EUA e o Irão depois de as duas partes em conflito terem comunicado as suas respostas a uma proposta conjunta para pôr fim à guerra, que já dura desde os ataques israelo-americanos de 28 de fevereiro. Islamabad e Doha propuseram a Washington e Teerão uma fórmula conjunta para a redução da tensão, instando os dois lados a regressarem às posições anteriores a 9 de julho “como primeiro passo” para retomar as negociações, que

Pausa nas operações militares surge em véspera da visita do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, amanhã a Washington.

se encontravam num impasse.

Mike Waltz, o embaixador dos EUA na ONU, confirmou que o presidente Trump suspendeu os ataques ao Irão para dar mais margem à diplomacia. “Ele está a dar algum espaço às negociações, está a dar-lhes um pouco de margem”, disse à Fox News.

Esta pausa nas operações militares surge também em véspera da visita do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, amanhã a Washington.

Nos últimos dois dias decorreram também, em Teerão, conversações entre os vice-ministros dos Negócios Estrangeiros do Irão e de Omã sobre o futuro do Estreito de Ormuz.

Mas a tensão naquela passagem marítima por onde circula cerca de um quinto do fornecimento mundial de petróleo e gás natural, continua alta. Não só os EUA mantêm o bloqueio aos portos iranianos, como os *media* do Irão, citados pela Al-Jazeera, davam ontem conta de que um petroleiro que se teria desviado da rota autorizada teria explodido ao colidir com uma mina naval no Estreito de Ormuz.



**Arabesco
Raulesco
Raúl
M. Braga Pires**

Marrocos, CEDEAO, Sael e Portugal: novas oportunidades!

Há precisamente uma semana, a ministra da Energia de Marrocos, Leila Benali, veio a Lisboa debater, com a sua homóloga portuguesa, a ministra Maria da Graça Carvalho, a possibilidade do estabelecimento de uma ligação eléctrica, entre Tavira e Tânger. A convicção de que avançará, é para já, ter sido acordado, que a frente será unida, na solicitação de fundos comunitários, e captação de investimento privado, para uma empreitada, que replica a ligação já existente entre Espanha e Marrocos.

A França, já está também nesta agenda prioritária, enquanto nova ligação directa, independente da que liga Marrocos a Espanha. Energia e soluções/autonomia, resumem visão!

Também há uma semana, os marroquinos celebraram, a partir de Freetown, Libéria, onde decorreu nesse fim-de-semana, a 69.ª *Cimeira de Chefes-de-Estado da CEDEAO*, a Comunidade Económica e de Desenvolvimento da África Ocidental. A vitória marroquina, neste tabuleiro, também foi no campo energético, ao ver a adesão dos 12 membros CEDEAO, à iniciativa marroquina, de canalizar gás natural da Nigéria, até Tânger. 6.800km de gasoduto, importantes para Sines, agora com o apoio expresso de um bloco regional importante, a África Ocidental.

Ainda nesta África não-tradicional para Portugal, na sexta, 24, o MNE do Mali, Abdoulaye Diop, manifestou na 4.ª sessão da Comissão Mista de Cooperação marroquina-

-maliana, apoio e satisfação, pela iniciativa marroquina, de fazer do porto de Dakhla, a “porta do Atlântico para o Sael”. Assimi Goita, líder da Junta Militar do Mali, aposta numa alternativa ao porto de Dacar, e Marrocos aposta em não isolar o Sael dissidente da CEDEAO, Mali, Burquina e Níger.

São estas as novas oportunidades para o Portugal-político, o Portugal-empresas e o Portugal-lúdico das férias. De Sines, a Lagos, na Nigéria, há estradas, pontes e portos por desenhar, rasgar e voltar a dar. E o momento é o ideal, com a realização do Mundial de Futebol, dentro de 4 anos.

As recentes mudanças na política e postura internacionais, tendem a apontar as soluções para Sul e já não para o tecnológico e organizado Norte. O recente apagão europeu comprovou-o, as actuais guerras comprovam-no.

Marrocos, assume-se hoje, mais que nunca, enquanto frente Atlântica, uma sintonia a não negligenciar. Porquê?

Porque não temos nada para lhes ensinar no mar, mas tudo a aprender em terra, na sauna em que o português é uma história, uma lenda, com sete metros de altura! Neste desconhecido, se formos de mãos dadas com os marroquinos, universidades e empresas, há toda uma biblioteca de lucros invisíveis e incalculáveis por descobrir.

*Político/Arabista
Professor do Instituto Piaget
de Almada
Escreve de acordo com
a antiga ortografia*